

Konrad Utz
Marly Carvalho Soares
Organizadores

A Noiva do Espírito:
Natureza em Hegel

Konrad Utz
Marly Carvalho Soares
Organizadores

A Noiva do Espírito
Natureza em Hegel

Princípio lógico universal e subsidiário como estruturante da natureza hegeliana

Prof. Dr. Agemir Bavaresco

(PUCRS/Porto Alegre)

abavaresco@pucrs.br

Resumo: O objetivo do trabalho é analisar a relação entre natureza e Ideia lógica ou entre a Ciência da Lógica e a Filosofia da Natureza em Hegel, a qual pode ser descrita assim: a Ideia lógica não se converte imediatamente em vida, pois o estágio da natureza começa pela imediatidade do puro ser de espaço (Ser); passa, depois, pelas fases da Mecânica (o sistema planetário), da Física e dos processos químicos (Essência); e, finalmente, pela Física Orgânica, ou seja, a terra como um organismo e a vida orgânica (Conceito). Cada 'degrau' passa para o seguinte de um modo semelhante àquele das categorias da Lógica. Ora, a vida é um princípio universal para a seção da Física Orgânica da Filosofia da Natureza. De um lado, esse princípio é, enquanto o momento da universalidade, o que permanece um indispensável componente concreto da exposição teleológica do conceito de vida. E, de outro, o conceito de vida assume uma função de princípio subsidiário para a complexa exposição da esfera particular da Filosofia da Natureza: a Física Orgânica. Então, como se determina a natureza no princípio universal e no princípio subsidiário nas várias formas de vida? Em síntese, a Filosofia hegeliana da natureza compreende a 'evolução' da natureza, desde a indeterminidade do espaço até a vida e o espírito, como um processo unitário. Pode-se afirmar que há um princípio evolutivo ascendente, em que o desenvolvimento não é apenas linear, mas, ao mesmo tempo, dialético, sendo que a terceira parte sempre é a suprassunção das duas primeiras.

Palavras-Chave: Filosofia da Natureza, Princípio Lógico, Ideia de Vida, Hegel.

Abstract: *The objective of the work is to analyse the relation between nature and logical Idea or between the Science of the Logic and the Philosophy of the Nature in Hegel, which can be thus described: The logical Idea is not converted immediately in life, because the stage of nature begins with the immediacy of pure being in space (Being); it passes, then, the phases of the mechanics (the planetary system), of the physics and of the chemical processes (Essence); and, finally, for the organic physics, in other words, the earth as an organism and the organic life (Concept). Each 'step' passes to the next of a similar way to that of the categories of the Logic. Now,*

the life is a universal principle for the section of the Organic Physics of the Philosophy of the Nature. On the one hand, this principle is, as the moment of the universality, which remains an essential concrete component of the teleological exposition of the concept of life. And, on the other, the concept of life assumes a function of subsidiary principle for the complex exposition of the particular sphere of the Philosophy of the Nature: The Organic Physics. Then, how is determined the nature in the universal principle and the subsidiary principle in some forms of life? In summary, the Hegelian philosophy of nature includes the 'evolution' of nature, since the indeterminacy of space to the life and spirit, as a unitary process. We can say that there is an evolutionary principle ascending in which the development is not just linear, but, at the same time, dialectical, and the third part is always the supersession of the first two.

Keywords: *Philosophy of Nature, Logic Principle, Idea of Life, Hegel.*

Hegel toma posição face à ciência de seu tempo. Ele aceita aquilo que se debatia sobre a ciência natural, porém, sente-se insatisfeito e, por isso, elabora um novo conceito de natureza. Uma das categorias fundamentais da natureza é a exterioridade, no sentido de dispersão radical. Porém, a natureza é governada por uma tendência de reunificação. Da Mecânica à Física Orgânica, passando pela física, a natureza ganha, de fato, em racionalidade e em autonomia, sem, no entanto, supressão sua exterioridade. Então, porque ler hoje a filosofia hegeliana da natureza? Tem ela, ainda, alguma coisa a nos dizer?¹

¹ GILLES MARMASSE, La Philosophie de la Nature dans l'Encyclopédie de Hegel, Paris : Archives de Philosophie, tomo 66, 2, 2003, p. 211-236.

I. Princípio Lógico Universal e Subsidiário na *Ciência da Lógica*: Ideia Absoluta² e Ideia de Vida³

Para fazermos a análise do princípio lógico universal (Ideia absoluta) e subsidiário (Ideia de vida) da *Ciência da Lógica*, vamos nos apoiar na estratégia argumentativa de Michael Quante que utilizou esse método para analisar a *Filosofia do Direito*. Nós queremos usar da mesma estratégia para analisar a *Filosofia da Natureza*. Por isso, em primeiro lugar, apresentamos os dois princípios acima mencionados em seu desenvolvimento na *Ciência da Lógica*, para, depois, fazer a descrição dos mesmos princípios na *Filosofia da Natureza*.

Michael Quante⁴ elabora uma proposta interpretativa da *Filosofia do Direito* de Hegel, a partir dos conceitos de personalidade e pessoa. Estes dois conceitos têm uma dupla função: ser um princípio universal e ser um princípio subsidiário.

a) Primeiramente, a personalidade da vontade representa o princípio universal para legitimar os direitos. Trata-se de uma análise teleológica interna das várias formas da vontade assumir os momentos do Direito. Esse princípio tem a função de organizar o desenvolvimento do conceito de vontade livre, justificar e legitimar as várias formas de direito.

² Por Ideia absoluta Hegel entende: "A Ideia, como unidade da Ideia subjetiva e da objetiva, é o conceito da Ideia, para o qual a Ideia como tal é o objetivo; para o qual o objeto é ela: um objeto em que vieram reunir-se todas as determinações. Essa unidade é, pois, a verdade toda e absoluta, a Ideia que se pensa a si mesma, e decerto aqui, enquanto Ideia pensante, enquanto Ideia lógica" (CL, 366). A Ideia absoluta é este princípio universal lógico que se efetiva através de um conceito. Notemos que Hegel procede à revisão do conceito de incondicionado: "O que é incondicionado não está inteiramente desprovido de condições, mas suprassume aquelas condições que possui. Assim, o mundo é um processo, cada fase do qual condiciona a fase seguinte, mas é suprassumida por esta. De suas principais fases, por exemplo, a Ideia lógica condiciona a natureza, a qual por sua vez condiciona o espírito, que então condiciona a Ideia lógica; o mundo é um círculo de condições sucessivamente suprassumidas" (INWOOD, 1992, 170).

³ Por Ideia de vida Hegel descreve assim esta determinação: "A Ideia é o verdadeiro em-si e para-si, a unidade do conceito e da objetividade. Seu conteúdo ideal não é outro que o conceito em suas determinações, seu conteúdo real é somente a exposição do conceito, que ele se dá na forma de um ser-aí exterior; e estando essa figura excluída na idealidade do conceito, na sua potência, assim se conserva na Ideia" (CL, 348). A Ideia de vida é o princípio subsidiário que implementa a efetivação da Ideia absoluta. A vida é a Ideia imediata, ou seja, "um organismo vivo relativamente autodeterminado, isto é, determinado pelo conceito nele codificado; absorve condições externas para dentro de si e as utiliza de acordo com o seu conceito" (INWOOD, 1992, 170).

⁴ MICHAEL QUANTE. The personality of the Will as the Principle of Abstract Right: An Analysis of §§ 34-40 of Hegel's *Philosophy of Right* in Terms of the Logical Structure of the Concept, In: ROBERT B. PIPPIN, OTFRIED HÖFFE (org.), *Hegel on Ethics and Politics*, United Kingdom: Cambridge University Press, 2004, p. 82.

A personalidade é, portanto, um princípio universal que se desenvolverá ao longo dos vários estágios da exposição da *Filosofia do Direito*. O conceito de personalidade, de um lado, é o momento da universalidade que permanece um componente indispensável em todos os níveis da vontade que é livre; de outro, o momento da universalidade torna-se concreto, enquanto uma exposição teleológica da vontade: a) no nível do direito abstrato (vontade da pessoa), depois, da moralidade (vontade subjetiva) e, enfim, da eticidade (vontade universal concreta)⁵.

b) Em segundo lugar, a personalidade e a pessoa desempenham um papel de um princípio subsidiário. Nesse sentido, elas representam um princípio específico para o direito abstrato. A personalidade e a pessoa são determinações que estruturam e legitimam as várias formas dos conteúdos do direito abstrato. Para Quante, os parágrafos 34 a 40 da seção do direito abstrato funcionam como um princípio subsidiário, porque a vontade é exposta, nesse estágio particular, dentro do desenvolvimento do todo. Aqui, a personalidade e a pessoa são interpretadas como momentos lógicos da vontade.

Então, o princípio subsidiário distingue-se do universal, porque o papel do primeiro vincula-se com a constelação específica dos momentos da vontade enquanto universal, particular e singular. O princípio subsidiário do direito abstrato diferencia-se, por sua vez, daquele da moralidade que é o sujeito.

Partindo desse referencial teórico hermenêutico de Quante, para interpretar a *Filosofia do Direito*, utilizaremos da mesma estratégia argumentativa para analisar a *Filosofia da Natureza*. Aqui, nos delimitaremos à 3ª seção *Física Orgânica*, letra “C”: *O organismo animal*, porque entendemos que o conceito de vida tem um duplo papel nessa parte específica: tanto princípio universal quanto subsidiário. Antes, porém, de apresentarmos esse desenvolvimento específico, estudaremos a fundamentação lógica do conceito de vida na *Ciência da Lógica: a lógica subjetiva ou a doutrina do conceito*⁶.

Na terceira seção dessa obra, Hegel descreve a determinação da Ideia absoluta como princípio universal na Ideia de vida enquanto princípio subsidiário. No primeiro capítulo, a Ideia tem sua determinação

⁵ QUANTE, op. cit. p. 82-83.

⁶ G. W. F. HEGEL, *Science de La logique. La logique subjective ou doctrine du concept* (Tradução e notas de P.-J. Labarrière e Gwendoline Jarczyk), Paris: Aubier, 1981. Usaremos a abreviação CL para a obra *Ciência da Lógica*, seguida do número da página, sendo a tradução de nossa responsabilidade.

na vida: “A Ideia imediata é a vida”.⁷ Há uma distinção entre a vida natural como é descrita na *Filosofia da Natureza* e a Ideia lógica da vida. Porém, o processo da vida natural, pelo qual o singular retorna ao universal como gênero, é o movimento pelo qual o singular enraíza-se em sua Ideia lógica. Portanto, a Lógica tem uma função estruturante no interior das ciências reais e, especificamente, na *Filosofia da Natureza*: “Da mesma forma, na Ideia da vida, os momentos de sua realidade não recebem a figura da efetividade exterior, mas permanecem incluídos na forma do conceito”⁸.

Depois, Hegel apresenta os momentos da vida: primeiro, como *indivíduo vivente*; em seguida, como *processo-vital*; e, enfim, como o *processo do gênero*. Aqui, percebe-se o *princípio universal* da Ideia determinando-se como *princípio subsidiário* enquanto Ideia da vida, que aparece como *poder de animação* dos três momentos do processo vital. Vejamos como esses três momentos são descritos, através do *princípio subsidiário*, aqui desempenhando uma função específica na 3ª seção da Ideia: trata-se do conceito silogístico da vida: singular-particular-universal.

1. Indivíduo vivente: a singularidade

O conceito de vida é, afirma Hegel, a *alma criadora universal*, ou seja, é o princípio de toda vida que se organiza como um silogismo (1) na singularidade do indivíduo, (2) na particularidade do processo vital e (3) na universalidade do gênero. O silogismo inicia pela singularidade: “Este sujeito é a Ideia na forma da singularidade; como identidade simples, porém, negativa consigo, isto é, o indivíduo vivente”⁹.

O trabalho científico do século XIX estabelece a autonomia das Ciências, conduzindo à separação entre a Física (ciência da matéria) e a Ciência do espírito. Na Cosmologia antiga e medieval, “as Ideias de matéria, vida e espírito estavam tão fundidas umas nas outras que se tornava difícil distingui-las; o mundo, *qua* extensão, era considerado material; *qua* movimento, vivo; *qua* ordem, inteligente”. No entanto, “o pensamento dos séculos XVI e XVII excluíram a alma do mundo e criaram a Física moderna, ao conceber os movimentos ordenados da matéria como movimentos

⁷ CL, p. 284.

⁸ CL, p. 285.

⁹ CL, p. 289.

mortos”. Não obstante, “Descartes tentou conceber os animais como autômatos, isto é, explicar os fatos biológicos em termos de física nova”¹⁰.

O indivíduo é vida enquanto *alma*, isto é, um *princípio* que se move por si mesmo. Para isso, a alma precisa de um *corpo* que a vincula com a objetividade exterior. Então, a alma tem esta corporeidade por natureza. A corporeidade do vivente é um *organismo* que tem membros e sua articulação é um silogismo: “alma-corpo-objetividade exterior”. O indivíduo é assim um conceito universal, porque se organiza como uma totalidade, em que o conceito lhe é imanente e se desenvolve em sua finalidade própria. Assim, o indivíduo vivente se produz como vivente, sendo ao mesmo tempo produtor e produzido, logo, é um ser vivo autônomo.

Essa autonomia, afirma Hegel, é o “conceito do sujeito vivo e de seu processo”, que se desenvolve pela *sensibilidade*, a *irritabilidade* e a *reprodução*. A *sensibilidade* permite ao indivíduo acolher toda a *universalidade* do mundo exterior, que se imprime na interioridade do sentimento de si. Trata-se de um movimento centrípeto em que o ser vivo permite, através da sensibilidade, recepcionar em si a universalidade exterior. Depois, a *irritabilidade* é a exteriorização que se *particulariza* em diferentes espécies e gêneros, ou seja, de uma existência específica. Enfim, a *reprodução* é o momento da *singularidade* do vivente que se põe como individualidade efetiva: um ser-para-si que se relaciona ao exterior como uma *totalidade subjetiva*¹¹. De fato, a *reprodução* caracteriza a capacidade do indivíduo reunir em si os momentos da sensibilidade e da irritabilidade na autoconservação que se reproduz e se mantém em si e também engendra outros indivíduos.

2. Processo-vital: a particularidade

O indivíduo vivente reúne em si o movimento de reprodução. Trata-se de uma unidade interior e exterior, ou seja, é o próprio processo da vida. Esse processo implica que o indivíduo se relacione com o mundo exterior, como uma *particularidade* através da *necessidade* (tendência) e a *dor* (sentimento); a *violência* e a *apropriação*. A *necessidade* é o estado em que o indivíduo vivente manifesta sua dependência em relação ao meio ambiente. Então, de um lado, o indivíduo é autônomo e, de outro, é dependente.

¹⁰ R. G. COLLINGWOOD, *Ciência e Filosofia* (Tradução Frederico Montenegro), 2. ed., Portugal/Brasil: Editorial Presença/Martins Fontes, 1996, p. 215-216.

¹¹ CL, p. 294.

Trata-se de uma contradição que se expressa na própria *dor*. É nessa dor da necessidade que se revela a autonomia da particularidade em relação de complementaridade com o exterior. Então, a relação exterior carrega em si a irritabilidade e a *violência*, que faz com que o indivíduo retorne para o interior. Assim, nesse movimento de *necessidade dolorosa* e *violência impaciente*, o indivíduo se *apropria* de algo para se autoconservar vivo, ou seja, se reproduzir. A objetividade do mundo torna-se um objeto para o indivíduo, que, através do processo mecânico é capaz de assimilar o objeto na sua interioridade. Esse é o processo vital em que o indivíduo se reproduz e se conserva tornando-se uma universalidade: um gênero¹².

3. Gênero: a universalidade

O gênero é o momento em que o indivíduo retorna plenamente em si, pela capacidade de se produzir e reproduzir. O indivíduo genérico carrega em si toda a objetividade como uma totalidade, por isso é capaz de reconhecer o outro indivíduo. O indivíduo genérico se expressa sob a forma da *duplicação do indivíduo*. O gênero é uma identidade *universal* que se organiza em dois níveis: a) O gênero microcósmico ou o princípio infinitamente pequeno do germe, onde se encontra a origem de todo crescimento: “O germe é assim o vivente total na forma interior do conceito”¹³. b) O gênero macrocósmico são as gerações que se engendram e se “propagam como gerações viventes”. A unidade do gênero é, então, uma universalidade de indivíduos e gerações subsistentes. O singular surge dessa universalidade genérica, para depois desaparecer de novo. Trata-se, diz Hegel, da repetição do progresso infinito em que não se sai do imediato finito. Porém, o *gênero realizado* é, então, a concretização espiritual desta universalidade em que os indivíduos viventes se afundaram, tornando-se uma universalidade plenamente determinada pela Ideia: “A morte desta vida é o surgimento do espírito”¹⁴.

Após a exposição do princípio lógico universal e subsidiário da Ideia, assim como aparece na *Ciência da Lógica*, agora, identificaremos o movimento do mesmo princípio na *Filosofia da Natureza*.

¹² CL, p. 298.

¹³ CL, p. 300.

¹⁴ CL, p. 300. “Ao pensar natureza e espírito como momentos conexos da Ideia, o hegelianismo não é nem naturalismo, nem humanismo, mas um idealismo”. Cf. J.-F. KERVÉGAN, Hegel e o hegelianismo, São Paulo: Loyola, 2008, 92.

II. Princípio Lógico Universal e Subsidiário na *Filosofia da Natureza*: Ideia de Natureza e Ideia de Organismo Vivente

Na *Filosofia da Natureza* da Enciclopédia Hegel estuda, então, a vida, não mais como determinação lógica do sentido do ser, mas como determinação natural do ser sensível, ou seja, da Ideia em sua exteriorização. Aqui, ele analisa o princípio universal da Ideia da natureza, determinando-se no princípio subsidiário do organismo vivo, através dos três processos ou silogismos ativos que se diferenciam do único silogismo concreto da vida como ser-aí imediato da razão. O princípio universal da Ideia estrutura “a inteligibilidade da natureza como resultado necessário da dialética da Ideia absoluta”¹⁵. Então, a natureza é, no sentido usual, um fato de nossa experiência. Porém, “não é a existência empírica da Natureza que está em questão na construção do sistema hegeliano. É a sua inteligibilidade ou a sua estrutura racional. Em termos hegelianos, a sua logicidade”¹⁶. Portanto, para ser pensada, a natureza deve ser pensada como Ideia¹⁷.

Qual é o conceito de natureza para Hegel? Ele tem uma posição diferente da de Schelling:

O que ele afirma não é a diferença absoluta entre o espírito e a natureza, mas apenas sua diferença imediata. Sua crítica é, portanto, voltada àqueles que creem poder apreender de forma imediata na exterioridade da natureza uma espécie de racionalidade interior. Mas esta recusa de Hegel da possibilidade de uma apreensão imediata, isto é, não-filosófica, da Ideia ou do espírito na natureza não passa de uma crítica mais ou menos direta à filosofia de Schelling¹⁸, cuja

¹⁵ HENRIQUE C. DE LIMA VAZ, *Da Ciência da Lógica à Filosofia da Natureza: estrutura do sistema hegeliano*, In: *Kriterion*, 38/95 (1997), p. 33.

¹⁶ *Ibid.*, p. 40.

¹⁷ “A Ideia em si mesma é absolutamente ou é Ideia absoluta, ao passo que a Natureza aparece na experiência como relativa e contingente. Na Natureza, pois, pensada como real efetivo, permanece a diferença entre ser e aparecer, ou seja, a Natureza não pode ser pensada segundo a identidade de forma e conteúdo da Ideia absoluta. Portanto, como real efetivo, a Natureza é e não é: é segundo a Ideia e não é o absoluto da Ideia” (LIMA VAZ, 1997, p. 45).

¹⁸ “A diferença, contudo, entre Hegel e Schelling, está no fato de que, para Hegel, a Ideia, em sua origem interior, só pode ser conceituada de forma lógica, enquanto que para Schelling, a absolutidade ou organicidade da natureza acaba sendo considerada como uma realidade hipostasiada. Em outras palavras: a natureza é para Schelling a Ideia objetivada, mas esta objetivação da Ideia não se pode deduzir logicamente, como em Hegel, da própria Ideia. A objetividade da Ideia ou do espírito na natureza não é assim afirmada na filosofia da natureza de Schelling como um processo, mas

principal tese consiste exatamente na unidade imediata entre o espírito e a natureza.¹⁹

Por outra, “a questão fundamental para Hegel é a incapacidade que ele vê na natureza de revelar a Ideia por si mesma, ou seja, sem a ajuda do filósofo ou do conceito”.²⁰

a) *A natureza é contradição exterior*: “A natureza mostrou-se como a Ideia na forma do ser-outro. A exterioridade constitui a determinação, na qual ela está como natureza”²¹. O que Hegel quer dizer, ao afirmar que a natureza é caracterizada pela exterioridade? “Aqui exterior não significa exterior a nós. A natureza nunca é exterior a nós. Não é exterior a nossos corpos; pelo contrário, os nossos corpos são uma parcela dela; não é exterior aos nossos espíritos”. Então, ele quer dizer

um mundo em que todas as coisas são exteriores uma às outras. Assim, a natureza é o domínio da exterioridade; é um mundo em que as coisas estão fora umas das outras. Esta exterioridade tem duas formas: uma, em que todas as coisas estão fora de todas as outras coisas – o espaço; outra, em que todas as coisas estão fora de si próprias – o tempo.²²

A natureza é uma “contradição não-resolvida”; por isso,

a contradição da Ideia, enquanto esta, como natureza, é exterior a si própria, é antes a contradição, por um lado, da *necessidade* de suas formações gerada pelo conceito e da determinação racional delas na totalidade orgânica – por outro lado, da indiferente contingência e indeterminável irregularidade das mesmas [formações].²³

consiste, ao contrário, em uma espécie de „salto“ (*Sprung*) de um pólo, que é o absoluto ou a essência infinita, para outro, que constitui a realidade finita, ou o mundo sensível: “... do absoluto para o real não existe qualquer passagem contínua, a origem do mundo sensível só é pensável como uma completa ruptura da absolutidade, através de um salto” (GONÇALVES, 1998, p. 14).

¹⁹ MÁRCIA C. F. GONÇALVES, A Ideia de Natureza e a Natureza da Ideia no Pensamento de Hegel, In: Revista de Ciências Humanas, 21/1 (1998), p. 12.

²⁰ Ibid., p. 12.

²¹ G. W. F. HEGEL, Enciclopédia das Ciências Filosóficas (1830). II – Filosofia da Natureza (Tradução de Paulo Meneses e José N. Machado), São Paulo: Loyola, 1997. FN, § 247. Utilizaremos a abreviação FN, ao referirmo-nos à *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* de Hegel, em compêndio (1830), volume II – Filosofia da Natureza. Ver referências.

²² COLLINGWOOD, op. cit., p. 203-204.

²³ FN, § 250.

A natureza é a contradição entre a necessidade do conceito e da contingência dela mesma. Aqui a natureza é definida como ‘a Ideia na forma da *alteridade*²⁴ – enquanto Ideia, ela é carregada de estruturas lógicas; enquanto Ideia, na forma da alteridade, sua determinação fundamental é a exterioridade. Ela é, portanto, a negação da Ideia, porém, enquanto tal, ela é ao mesmo tempo referida à Ideia; ela é, assim, ‘a contradição não resolvida’²⁵. Falta-lhe aquela interioridade autônoma sem a qual não é possibilitada a liberdade da espiritualidade; ela está, portanto, entregue ao acaso e à necessidade²⁶. Por isso,

não existe para Hegel uma manifestação sensível natural e imediata da Ideia, capaz de ser apreendida empiricamente pelo homem. Toda e qualquer racionalidade revelada na natureza é de fato concebida pelo espírito e realizada pelo pensamento. A natureza é, portanto, idealizada, espiritualizada e unificada pelo espírito mesmo e é nesse processo de conceber a razão na natureza que consiste no filosofar sobre ela.²⁷

De fato, o

desenvolvimento da natureza persegue o objetivo que é supracumir sua autocontradição e isso significa tornar-se espírito. [...] A natureza consegue fazer isso de forma suprema na vida, mas ela deve ultrapassar também essa determinidade e tornar-se espírito, ‘que é a verdade e o objetivo final da natureza e a verdadeira realidade da Ideia’.²⁸

b) *A natureza é vida*: A natureza evolui dialeticamente, segundo a lógica da vida:

A Filosofia hegeliana da natureza, no entanto, deseja justamente isso – compreender a ‘evolução’ (que, no entanto, tem nele um caráter conceitual) da natureza desde a indeterminidade do espaço até a vida e o espírito como um processo unitário.²⁹

²⁴ FN, § 247.

²⁵ FN, § 248; § 250.

²⁶ Cf. FN, § 250. VITTORIO HÖSLE, *O sistema de Hegel*, São Paulo: Loyola, 2007, p. 323.

²⁷ GONÇALVES, op. cit., p. 17.

²⁸ FN, § 251. HÖSLE, op. cit., p. 323.

²⁹ HÖSLE, op. cit. p. 319. “M. Gies aponta, com muita razão, para as afinidades entre a filosofia hegeliana da natureza, conduzida por um princípio evolutivo, e as modernas cosmogonias, ‘as quais consideram todo o mundo fenomênico material e a questão da matéria enquanto tal do ponto de vista de uma evolução universal’” (HÖSLE, op.cit., nota 16, p. 319).

Ou ainda, “a idealidade e a logicidade da matéria mostram-se exatamente em que ela possa produzir vida e espírito”³⁰.

Enfim, em Hegel, tanto o capítulo sobre as plantas como o capítulo sobre os animais são, em conformidade com o modelo da ‘Ideia de vida’ na *Ciência da Lógica*, divididos triadicamente segundo as determinações de forma, processo de assimilação e processo de geração³¹.

Assim, a Ideia de natureza como princípio universal estruturante divide-se em três partes conforme a obra *Filosofia da Natureza*: I. em Ideia singular na Mecânica; II. em Ideia particular na Física; III. e em Ideia universal, ou unidade ideal, na subjetividade da física orgânica³². Hegel aqui estrutura a Ideia da natureza segundo as determinações do conceito, iniciando, não com a esfera mais verdadeira, mas a partir da esfera mais abstrata e imediata, para alcançar, pela mediação, a esfera concreta da vida.

A vida só pode ser entendida em termos de teleologia: cada órgão é um fim ou propósito e um meio em relação aos outros. Um organismo não pode ser entendido aos poucos, em função de suas partes, mas somente a partir de sua concepção como um todo.

Ou seja, “a concepção hegeliana de vida (e morte) situa-se nessa tradição não-mecanística. Há uma infinita unidade viva de todas as coisas”³³.

Há a relação entre natureza e Ideia lógica, ou melhor, entre Lógica e Filosofia da natureza: A Ideia lógica não se converte imediatamente em vida, o estágio da natureza começa pelo imediatidade do puro ser de espaço; passa, depois, pelas fases da Mecânica (o sistema planetário), Física e processos químicos; e, finalmente, pela Física Orgânica, ou seja, a Terra, como um organismo, e a vida orgânica vegetal e animal. Cada fase passa para a sua sucessora de um modo semelhante ao das categorias que se concatenam na *Lógica*.

A divisão da Filosofia da natureza é afirmada por essa direção – da exteriorização do espaço, através do ser-em-si da matéria determinada, à interioridade e idealidade do organismo. Porém,

³⁰ HÖSLE, op. cit., p. 352.

³¹ Cf. ECF § 342 A. HÖSLE, op. cit., p. 353.

³² FN, § 252.

³³ INWOOD, op. cit., p. 320.

o desenvolvimento não pode ser apenas linear, ele deve ser ao mesmo tempo, dialético: a terceira parte deve ser interpretada como síntese das duas primeiras.³⁴

A Física Orgânica, 3ª seção da *Filosofia da Natureza*, descreve o princípio universal da Ideia de natureza, determinando-se através do princípio subsidiário do organismo vivo, ou seja, a Ideia de vida: A) “como *figura*, a imagem universal da vida, o organismo *geológico*; B) como subjetividade particular, formal, o organismo *vegetal*; C) como subjetividade concreta, o organismo *animal*”³⁵. A vida como Ideia imediata é não-vida, afirma Hegel, pois é mecânica e física. Diversa desta, porém, na natureza vegetal, começa a vitalidade subjetiva ainda fora-de-si. É apenas com o organismo animal, que a vida é sujeito: um sistema orgânico vivente. A vida como sujeito é um processo ou uma atividade intermitente em relação consigo mesmo e a objetividade. Assim, feita essa breve localização do princípio universal como Ideia da natureza e o princípio subsidiário como Ideia orgânica da vida, passemos para a apresentação da letra “C”: O organismo animal, em que aparece a lógica da Ideia da vida da *Ciência da Lógica*.

A individualidade orgânica existe como um animal e, por isso, tem autoação; ou seja, o organismo animal é uma universalidade vivente que segue a lógica do conceito em suas três determinações silogísticas: a figura, a assimilação e o processo genérico³⁶.

1. Lógica da figura

A lógica da figura expõe o processo pelo qual o vivente idêntico se diferencia em si mesmo e identifica concretamente essa alteridade interior como vida. Hegel descreve o conceito, em suas determinações, no sujeito animal em forma de silogismo: a) o *universal* como identidade do sujeito consigo é a *sensibilidade*; b) o *particular* que, como sujeito, reage, face ao exterior, é a *irritabilidade*; c) e o *singular* como unidade dos momentos anteriores é capaz de *reproduzir* como indivíduo³⁷. A figura é o que separa o vivente do meio exterior e configura

³⁴ HÖSLE, op. cit., p. 324.

³⁵ FN, § 337.

³⁶ Cf. FN, § 352.

³⁷ Cf. FN, § 353.

um meio interno capaz, na sensibilidade, de receber as informações, e os órgãos e sistemas existentes formam um todo que é mais do que a simples soma das partes.

No entender de Collingwood, a partir da época de Hegel, o conceito de evolução passou principalmente por duas fases: uma fase biológica e, depois, uma fase cosmológica. A fase biológica foi importante para o conceito de natureza, pois ele permitiu superar o dualismo cartesiano de matéria e espírito, “ao introduzir entre um termo e outro um terceiro termo – a vida”³⁸.

2. Lógica da assimilação

A lógica da assimilação expõe o processo pelo qual este vivente nele mesmo concreto se diferencia de seu outro abstrato (a natureza inorgânica) e, assimilando essa alteridade exterior, põe-se como totalidade³⁹. O animal em sua relação com a natureza exterior é um indivíduo singular. Ele se produz e reproduz, ou seja, se autoconserva. Então, a subjetividade torna-se um *universal concreto*: o gênero⁴⁰. A assimilação é o processo do vivente em que se estabelece a sua relação com o outro. Essa assimilação incorpora e transforma os produtos do meio exterior, ou, então, adapta-se a esse exterior. “O vivente é, também, além de ser a sua figura, essa relação ao meio, dele se separa e com ele se relaciona”⁴¹. Para Ferrer, o ponto central da assimilação é a interpretação do limite, que distingue o organismo do seu exterior.

Onde há um limite, ele é uma negação somente para algo terceiro, para uma comparação externa. Mas o limite é falta, quando num só juntamente está o ultrapassar, a contradição como tal é imanente e está posta nele. Um ser assim, que é capaz de ter em si a contradição e de a suportar, é o sujeito; isto constitui sua infinitude.

O objeto inanimado é indiferente aos seus limites, ou seja, esse limite apenas existe para o observador ou o sujeito ex-

³⁸ COLLINGWOOD, op. cit., p. 215.

³⁹ Cf. FN, § 357.

⁴⁰ Cf. FN, § 366.

⁴¹ DIOGO FERRER, O Singular e o vivente em Hegel, In: M. L. COUTO SOARES, N. VENTURINHA, G. C. SANTOS (org.), O Estatuto do Singular. Estratégias e Perspectivas, Lisboa, INCM, 2008, p. 252.

terior a ele. A subjetividade, ou a vida, especialmente a vida animal, estabelece uma relação de não-indiferença perante o seu limite.⁴²

Por ser o vivente um sistema aberto em permanente fluxo, necessita de trocas permanentes com o ambiente, tendo informações sobre o seu estado e o do seu meio.

Tal informação tem de partir da distinção entre o interior e o exterior, e pode ser caracterizada como uma relação reflexiva com os próprios limites. O vivente não é indiferente aos seus limites, mas sente-os como distinção entre si e o seu outro. Este limite e diferença em relação ao meio é denominado carência, a ultrapassagem dos limites feita pela assimilação. Na sua terminologia própria, essa situação de carência é denominável ‘contradição’, posto que é o ser-si-mesmo que contém em si, como a sua negação, ‘algo que o ultrapassa’.⁴³

3. Lógica do processo do gênero

O processo do gênero é a relação do vivente com a espécie⁴⁴. O gênero é o momento da transformação da produção em reprodução. No Indivíduo vivo a reprodução significa a manutenção de si, o crescimento e a regeneração das partes danificadas; no processo do gênero, a reprodução significa a produção de um outro indivíduo idêntico ao produtor, “no qual o ser-vivo se põe para si idêntico consigo”⁴⁵. Ainda é bom destacar,

que aquilo que Hegel denomina “gênero” (*Gattung*), refere-se ao aspecto biológico de classificação dos seres vivos e não ao gênero (masculino e feminino) dos indivíduos de cada espécie.

⁴² FN, § 359 – tradução adaptada pelo autor.

⁴³ FERRER, op. cit., p. 254.

⁴⁴ Segundo Ferrer, “a espécie era apenas uma classe de nível inferior ao gênero. O problema do desenvolvimento da essência não é de todo estranho a Hegel que, embora não pudesse, em 1830, à falta de material científico e empírico para tal, admitir a evolução das espécies, centrou o seu pensamento precisamente na ideia de desenvolvimento, e elaborou, na sua *Ciência da Lógica*, uma crítica radical à essência entendida como forma imóvel. Não havendo razões para admitir a evolução das espécies naturais como fato real, admitiu a evolução ou, mais exatamente, o ‘desenvolvimento’ como princípio de relação lógica entre as categorias – recusando, também aqui, qualquer essencialismo fundamental” (FERRER, 2009, p. 13-14).

⁴⁵ MÁRCIA ZEBINA ARAÚJO DA SILVA, A Vida do Espírito, in: Revista de Filosofia Philósofos, 11/1, (2006), p. 162.

Não obstante, a reprodução e a perpetuação das espécies é tributária do gênero no sentido sexual.⁴⁶

A lógica do gênero expõe como esta totalidade vivente, que é em si o gênero, se diferencia de si em seu outro e supera essa diferença, igualmente completando-se como vida natural e passando à vida no espírito. O gênero se particulariza nas espécies, tomando várias formas, conforme “os degraus de seu desenvolvimento, desde a organização mais simples até à mais perfeita”⁴⁷. A relação sexual traz à existência o gênero⁴⁸. Enfim, pela doença do indivíduo, o processo do gênero “endurece em sua atividade particular contra a atividade do todo, cuja fluidez e processo a todos os momentos em marcha fica, assim, impedido”⁴⁹, advindo, portanto, a morte. Um organismo vivo constitui-se de membros, seu isolamento com relação aos outros membros pode comprometer a saúde e a vida do todo. A vida de um organismo precisa fluir em todas as partes. Hegel entende que o movimento circular da vida envolve o momento de sua negatividade. “Vida e morte se complementam como momentos dialéticos do todo, não só de um organismo vivo em sua imediação, mas da vida em geral, em sua continuidade infinita no mundo”⁵⁰.

Porém, a relação sexual, afirma Hösle, “é o ponto mais alto da natureza vivente; neste estágio, ela tem a sensação de sua unidade. A cópula é o cume da natureza porque ela, como também a sensação, suprassume a exteriorização”.⁵¹ As três partes da *Filosofia da Natureza* (Mecânica, Física e Orgânica), constata Hösle, terminam com uma categoria, cuja determinação é a suprassunção do isolamento dos corpos: a gravitação, o processo químico e a cópula.⁵²

III. Conceito de Natureza Hegeliano e Desafios Atuais

A *Filosofia da Natureza* de Hegel tem por finalidade pensar a inteligibilidade da natureza, ou seja, trata-se de pensar o sentido espe-

⁴⁶ Ibid., p. 163.

⁴⁷ FN, § 368.

⁴⁸ Cf. FN, § 369.

⁴⁹ FN, § 371.

⁵⁰ GONÇALVES, op. cit., p. 10.

⁵¹ HÖSLE, op. cit., p. 371.

⁵² Ibid., p. 372.

culativo das ciências. Por isso, ele não deve ser julgado pelas análises empíricas de seu tempo. Hegel valoriza a concepção grega e, particularmente, aristotélica de natureza em sua interpretação teleológica; isto é, reflete sobre a racionalidade imanente na *phýsis*, o que os gregos denominavam de *lógos*.

Esta revalorização da Ideia grega de um *lógos* na natureza serve como reação ao momento histórico e científico presenciado por Hegel, onde os principais parâmetros da chamada ciência da natureza se constituíam sobre uma compreensão mecanicista e utilitarista da mesma. O resgate da noção grega do *lógos* na *phýsis* reforça, assim, a Ideia de que a natureza não deve ser vista como simples meio de consumo ou uso para o homem.⁵³

Alguns intérpretes pensam que “a Física Orgânica é uma instigante formulação de Hegel que, com esse termo, acentua a proximidade entre a Física e a Biologia. Afirma, assim, que a Biologia é uma continuação e um prolongamento da Física”.⁵⁴ Porém, no entender de Cirne-Lima, a Física Orgânica, que trata da Biologia, “deveria, além de incorporar as conquistas da Teoria da Evolução, assimilar as teorias contemporâneas da Biologia celular, especialmente da Genética”.⁵⁵

Partindo do conceito de natureza hegeliana, segundo Márcia Gonçalves, pode-se

concluir para a época atual, que a natureza só se revela a nós como um todo orgânico, que contém em si uma racionalidade, na medida em que nós, os ‘observadores’ desta verdade, fazemos muito mais que apenas observarmos passivamente a natureza para chegar a esta tão profunda conclusão.⁵⁶

Cabe, portanto,

identificar a energia vital tanto na natureza exterior quanto na natureza que nós somos, através de nossos corpos, sentidos

⁵³ GONÇALVES, op. cit., p. 7.

⁵⁴ CARLOS CIRNE-LIMA, e outros, *Dialética e Natureza*. Caxias do Sul: EDUCS, 2005, p. 12.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 12. Cirne-Lima afirma que a “exposição que Hegel faz da Física é pobre e, em vários pontos, já em seu tempo superada”. No entanto, ele vê dificuldades em atualizar a Física porque “os físicos até hoje não conseguiram comprovar experimentalmente a Teoria da Supercordas, a Teoria Geral da Relatividade e a Mecânica Clássica não podem ser unificadas com a Mecânica Quântica; não há ainda uma teoria que abarque as três” (2005, 12-13).

⁵⁶ GONÇALVES, op. cit. p. 18.

e desejos ser esta uma capacidade exclusiva do homem, que, com sua razão universal e viva, sabe que tudo é um, e cada membro deste imenso planeta depende do todo.⁵⁷

E conclui Márcia Gonçalves,

resta-nos lutar para elevar o nível de espiritualidade do homem e acreditar no otimismo evolucionista de Hegel, cujo conceito de razão, longe de ser destrutivo sobre a natureza, aponta tão somente para um equilíbrio e uma conciliação universais entre tudo aquilo que é e que venha a ser real no mundo.⁵⁸

Apontamos, em seguida, algumas teorias do mundo das ciências atuais que, de um lado, confirmam o conceito especulativo de natureza hegeliano e, de outro, exigem que o conceito de natureza hegeliano seja atualizado em diálogo com essas teorias. Nesta parte, seguimos a análise de Witold Skwara, em seu recente livro *Os fundamentos de uma Ecofilosofia em Teilhard de Chardin*⁵⁹: na terceira parte, denominada “os fundamentos cosmológicos de uma Ecofilosofia”, o segundo capítulo é intitulado “a unidade *in fieri* do mundo nas ciências de hoje”, onde o autor aponta cinco níveis de unidade:

1) *Unidade cósmica*:

A *Teoria do Big Bang* reforçada pelas descobertas recentes, sugere a *unidade cósmica*, quando narra as longas fases do ‘nascimento’ do universo, cujo ‘parto’, no tempo e no espaço ultrapassa os limites da imaginação. Segundo ela, no começo, houve uma grande explosão de um ‘nada’ extremamente condensado; depois, em cadeia, produzem-se as ‘partículas’ primordiais, os átomos, as moléculas, as estrelas, as galáxias, formando um gigantesco sideral, como um todo ‘vivo’ e harmonioso.⁶⁰

2) *Unidade planetária*:

A *Teoria de Gaia*, defende científica e holisticamente, a *unidade planetária* do astro terra a navegar no sistema solar, que se assemelha, no seu comportamento bioquímico, a um ‘ser vivo’, no

⁵⁷ Ibid., p. 18.

⁵⁸ Ibid., p. 18.

⁵⁹ WITOLD SKWARA, *Os fundamentos de uma Ecofilosofia em Teilhard de Chardin*. Porto Alegre: EST, 2009.

⁶⁰ Ibid., p. 192.

qual o metabolismo é regido pela lei homeostática, ou que se assemelha ainda a um organismo vivo formado por partes coligadas, como uma sequóia gigante, no interior da qual a matéria 'morta' mescla-se com a matéria 'viva', para manter o seu curso vital em equilíbrio.⁶¹

3) *Unidade Orgânica:*

A *Teoria dos Ecossistemas*, hoje em dia já consolidada, verifica, no convívio coletivo dos seres vivos que constituem a biosfera, a *unidade orgânica*, responsável pela interdependência pluridimensional entre o meio ambiente (biótopo) e a comunidade hierárquica das populações (biocenose). Além disso, tal unidade auto-regula em qualquer ecossistema o circuito de energia e o fluxo de matéria através do mecanismo retroativo, para garantir à sobrevivência das plantas e dos animais uma autonomia mais ou menos satisfatória.⁶²

4) *Unidade Biológica:*

A *Teoria do Código Genético*, em pleno progresso nos últimos anos, constata a *unidade biológica* no meio de todos os seres vivos, pelo fato de possuírem um comum parentesco genealógico. Isto significa que a universalidade do 'código' genético idêntico, mas da 'mensagem' hereditária diferente, em qualquer organismo vivo, faz intimamente interligar entre si o domínio vegetal, o domínio animal e o domínio humano, estabelecendo um imenso campo filogenético. Nele prolongam-se, ao longo da história, as 'mensagens' e as 'informações' genéticas, que mudam especificamente de um indivíduo para o outro e que transmitem de geração em geração, os caracteres próprios.⁶³

5) *Unidade Elementar:*

A *Teoria Quântica dos Campos Nucleares*, ainda no curso de elaboração, vai descobrindo a largos passos a *unidade elementar* do universo. As experiências dos físicos efetuadas nos potentes 'aceleradores' caminham irrevogavelmente na direção da grande unificação, com intuito de provar que as principais forças do mundo, eletromagnética e gravitacional, nuclear fraca e nuclear forte, a comandar o movimento da matéria, são apenas as diferentes facetas e os diversos reflexos da mesma e única força fundamental. Antes do *Big Bang*, esta força alucinante encerrava a integridade e a simetria absolutas, o poder centrado e

⁶¹ Ibid., p. 192.

⁶² Ibid., p. 192.

⁶³ Ibid., p. 193.

a harmonia total; depois do *Big Bang*, ela exteriorizou e libertou o seu 'caudal', fragmentando e ramificando, sob a forma de numerosas correntes energéticas.⁶⁴

Considerando esses cinco modelos teóricos das ciências, para compreender a natureza, percebe-se que todos eles têm como pressuposto a unidade, ou seja, hegelianamente, falando, a Ideia de natureza, que é o ser em contradição entre o exterior e o interior. Em outras palavras, essa contradição para a ciência é a oposição entre a energia tangencial e a energia radial. Essa energia composta do 'fora das coisas' (tangencial) e do 'dentro das coisas' (radial) constitui a própria dialética contraditória da natureza⁶⁵. Assim, o princípio lógico universal e subsidiário da *Filosofia da Natureza*, enquanto Ideia da natureza e Ideia de organismo vivo, respectivamente, constituem-se em fundamentos do conceito de natureza, desde o tempo de Hegel, e continuam atuais para os tempos de hoje.

⁶⁴ Ibid., p. 193.

⁶⁵ "A energia *tangencial*, mecânica e constante, superficial e periférica, atua no terreno *físico*, ou seja, no 'fora das coisas', onde aproxima e associa, estrutura e complexifica os elementos físico-químicos do mundo. Enquanto isso, a energia *radial*, cêntrica e axial, crescente e irreversível, atua de maneira imanente no terreno *hiperfísico*, ou seja, no 'dentro das coisas', onde orienta e conduz o processo da evolução, interioriza e aperfeiçoa o 'tecido do cosmo'". SKWARA, op. cit., p. 192.